

EPA - Estudos Portugueses e Africanos

Número 2, 1983

Páginas 155 - 159

Visão Perpétua, de Jorge de Sena. Vila da Maia, Moraes Editores/Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982 (Círculo de Poesia/Biblioteca de Autores Portugueses).

Muito prazer, Jorge de Sena

Percival Leme Britto

Quando o pessoal desta revista pediu pra eu fazer a resenha de Visão Perpétua, pus logo a máscara e comecei a ler. E uma boa crítica pressupõe uma leitura de cabo a rabo, anotando-se o fundamental, levantando-se os pontos principais e, acima de tudo, dando-se ao leitor (da resenha e potencialmente do livro) uma boa noção do original.

Acontece que pouca gente sabe no Brasil de Jorge de Sena e menos ainda que ele morou no estado de São Paulo e foi professor de alguns dos nossos atuais mestres de universidades brasileiras. Por isso, falar do

Percival Leme Britto é aluno de graduação do curso de Letras do IEL.

poeta português por aqui é sempre falar pela primeira vez. E mais estranha fica a coisa, quando eu disser que você vai sofrer um pouco se quiser ler o livro, é edição portuguesa, cara e difícil de achar.

E o pior é que Jorge de Sena vale a pena conhecer. Ou sua poesia, já que ele morreu em 78. Aliás, o livro de que falo é uma dessas edições póstumas, que põe no mundo o que o homem guardou para si, seja porque não quis publicar, seja porque não teve chance. Mas nem por isso é uma poesia menos boa. Talvez não seja este um livro que tenha a unidade de outros, nem sustente sempre o mesmo padrão, afinal são mais de trinta anos, muita história, muito rabisco recuperado pela gente que viveu com ele. E além disso, traz o sempre impublicável: o poema no rascunho, o obsceno, o erótico, o que o poeta punha de lado, a outra versão.

Que não se pense que por causa disso é poesia pra crítica analisar, estudioso comparar, etc, ou o proibido à mostra. Sena nunca foi de esconder-se. Quem o conheceu (eu não tive a chance) conta que era um homem aberto e sincero, que dizia na hora e no papel o que pensava. É melhor dizer que o que sai agora não saiu antes por falta de oportunidade, ficando no mesmo nível que o resto de sua obra. É poesia pra gente ler e degustar, revoltar-se e entusiasmar-se.

E foi assim que mudei de idéia no meio do caminho. Eu não via muito sentido em ficar falando do desconhecido pra tanta gente (obs: a ambigüidade é proposi

tal). E resolvi, ao invés de crítica, escolher alguns poemas e por na EPA. Depois, quem gostar é só pegar o endereço no começo da história.

É preciso confessar que não mostro o Jorge de Sena nesta escolha. Mostro o meu, ou melhor, um pedaço do meu: é que ele é um poeta complexo, de texto denso e elaborado, que vai do soneto ao Hai-Kai, do poema moderno à cantiga medieval, de vários assuntos e medidas. O que fiz foi cortar um pedacinho do bolo, que me pareceu mais apetitoso nessa hora de crise.

Os poemas que escolhi⁽¹⁾ falam do mundo (é incrível a universalidade de Jorge de Sena) em crise. É uma poesia de guerra: a 2ª mundial, a fria, a do Viet-nam, a década de 60. Mas você não deve pensar que vai encontrar sangue, bombas e metralhadoras; a guerra não está na face, mas na contra-face. O que estou querendo dizer é que a gente respira nestes poemas a História do Mundo que eles não contam: fazem sentir.

"Expulsão da Poesia".

Jorge de Sena

Neste crepúsculo dos deuses que incendeia serenamente de
púrpura
os massacres sem conta, e em que nada
é já significativo, porque tudo sempre significou alguma
coisa

e não ressuscita ninguém(a ressurreição é
negócio individual, requerendo vítima, sepulcro emprestado,
alguns guardas, dedicadas mulheres, e vários fiéis
desinteressadamente interessados nela - enfim,
a ignomínia tratada com exemplar dignidade,
sem improvisos de última hora, nem excessivos
planejamentos ou ensaios, por modo a que
as imaginações possam com ela despersonalizar-se inteira
mente
da sordidez sordidamente sórdida, etc.),
um fenômeno se verifica, observa, e que, ele, sim,
é altamente significativo.

Com efeito: ela cantou os tiranos, as revoluções proletá
rias,
as guerras todas de libertação nacional. Em séculos
e séculos, cantou ou chorou sempre nas
grandes horas. Às vezes com atraso. Outras,
com adiantamento desagradável, sobretudo,
se era caso de choro. Muitas outras vezes,
para dar-se importância, reles importância, inventou mesmo
as grandes horas. Quantas outras vezes,
se deixou matar de fome, de miséria e solidão,
para repetir com alegria infrene que
a imortalidade existe, que o céu existe,
e que a terra, sô ela, a pobre terra, não existe.
Fizeram-se por esta letrada ciência os maiores sacrifícios
de vidas e papel impresso. Não comparáveis,

É certo, aos massacres habituais, em que se molhava delicadamente a pena.

E, agora, neste delicioso crepúsculo que devia inspirá-la, porque se cala, porque não canta nem chora? Porque se limita o coçar o cu tranquilamente, como prostituta honesta que se retirou da vida? Com que então, a brincadeira acabou? S.Excia já não serve? Já não é livre? Já não é nem deixa de ser coisa nenhuma?

Então não era eterna, a voz da justiça, a voz da liberdade, do mais profundamente humano, não era imortal, mais que divina, mais que o raio que a parta? Então não era tudo isso o céu também?

É que, meus amigos, a coisa está difícil. A agonia chegou. O vômito que se não vomita. Porque não se descobriu maneira de sair do beco:

NOTA

1. E a revista sô pode publicar um!